

Deságio da conversão da

mia

Jornal de Brasília

dívida sobe e vai a 32%

Extrema

Ivaldo Cavalcante

Aylé-Salassié
Enviado Especial

São Paulo — A conversão da dívida externa em capital de risco no Brasil poderá absorver US\$ 4,5 bilhões até o final deste ano, admitiu o diretor da área externa do Banco Central, Arnin Lore, após o encerramento do leilão do deságio de uma segunda parcela de US\$ 150 milhões, negociada ontem, com sucesso, na Bolsa de Valores de São Paulo.

O deságio obtido na Bovespa, depois de duas horas de leilão, contra quatro horas no Rio de Janeiro no mês passado, foi de 32% para US\$ 75 milhões destinados a faixa livre do mercado, e de 15% para as áreas incentivadas do Norte, Nordeste, Vale do Jequitinhonha e Espírito Santo. Os resultados de ontem superaram em muito os alcançados no primeiro leilão de março na Bolsa do Rio de Janeiro, quando o deságio ficou em 27% para as faixas livres e em 10% para as incentivadas.

Confiança

Os resultados de São Paulo, segundo o presidente da Bovespa, Eduardo da Rocha Azevedo, revelaram o interesse e a confiança dos credores no Brasil e no processo de conversão, como forma de ressarcir prejuízos hipotéticos pela transformação de parcela desses créditos contábeis em investimentos de risco. Eduardo da Rocha Azevedo acha que o resultado de ontem demonstra a capacidade do mercado para absorver conversões, via bolsas, em valores maiores.

Da mesma forma pensa o presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, Sérgio Barcelos, também presente ao pregão de ontem. Ele interpretou os resultados na Bovespa, ressaltando o fato de que alguns dos grandes bancos credores do Brasil que estiveram ausentes ou compareceram discretamente ao leilão do Rio marcaram presença, ontem, em São Paulo.

Sérgio Barcelos citou, especificamente, o Citibank que, através da SNC Corretora, arrematou ontem US\$ 42,5 milhões no pregão da faixa livre e mais US\$ 34 milhões no das áreas incentivadas. Citou ainda o Morgan Guaranty, que compareceu ao leilão através da Corretora JPM, o Pittsburg National Bank, através da PNC Internacional, e outros, como o Banco Safra e Unibanco.

Dívida apagada

Com o leilão de ontem, o Banco Central apaga da dívida externa brasileira compromissos da ordem de US\$ 38 milhões, sendo US\$ 186 milhões do leilão realizado no Rio, e mais US\$ 198 milhões na Bovespa. Ao todo, o BC arrecadou para a União, nos dois leilões, US\$ 84 milhões, já que, segundo o diretor da área externa da instituição, Arnin Lore, a diferença do deságio será repassada como receita ao Tesouro.

A expectativa do BC é a de que a conversão da dívida vai gerar receita para a União, até o final deste ano, sob a forma de deságio, da ordem de US\$ 650 milhões nas bolsas, já que se prevê uma conversão total, via bolsas, daqui para dezembro, em torno de US\$ 2 bilhões. Para isso, existem pedidos já registrados na Comissão de Valores Mobiliários (CVM) da ordem de US\$ 1 bilhão.

Fora da bolsa

Interessados na transformação

da dívida em capital de risco no Brasil fora da bolsa, existem ainda pedidos de credores já registrados no BC em torno de US\$ 3 bilhões, dos quais US\$ 200 milhões poderão começar a ser liberados mensalmente ainda a partir de hoje ou do início da próxima semana.

As taxas de deságio aplicadas na conversão desses créditos são, a partir de hoje até a realização do próximo leilão em bolsa, no Rio de Janeiro, de 32% para áreas livres e de 15% para as incentivadas. Essa taxa obtida em bolsa deve vigorar para toda e qualquer conversão da dívida vencida, ou seja, que tenha de ser paga através do Banco Central.

A propósito, o BC estuda, também, a possibilidade de atendimento a pedidos de bolsas de valores regionais para a realização de outros leilões. A dúvida é se esses pregões deveriam ser realizados intercalados com os do Rio e de São Paulo.

Destinação

Do total de US\$ 150 milhões da dívida convertidos na Bolsa do Rio, o BC liberou até agora onze operações no montante de US\$ 34 milhões, e estão já bloqueados US\$ 70 milhões com destinações já indicadas.

Os setores mais beneficiados na faixa livre são: a indústria de transformação, com 40,4%; serviços, com 43,8%; outras atividades, 13,3%; fundos, 2,5%. Para as áreas incentivadas foram destinados 10% para a agricultura, 10% para a pesca, 15% para extrativismo mineral, 40% para a indústria de transformação, 22,8% para serviços e 14,9% para outras atividades. Na conversão de ontem, o setor naval teria sido bem aquinhoado.

Exportação

O BC estuda com a Cacex pedidos de conversão da dívida na área da exportação da ordem de US\$ 9 bilhões. Essa é, entretanto, uma área delicada, segundo o diretor do Banco Central, porque poderá ter reflexo sobre a política cambial, ao reduzir as possibilidades de acumulação de reservas com divisas estrangeiras. Por outro lado, criaria privilégios para os setores beneficiados, que fariam conversões diretas e o do câmbio pertence ao Governo desde a Segunda Guerra Mundial. Para o ex-presidente do Governo desde a Segunda Guerra Mundial. Para o ex-presidente do Banco Central Fernão Bracher, hoje proprietário de um banco de investimentos, a fixação dos valores da conversão para a exportação é muito complicada.

O diretor do BC, Arnin Lore, negou também que o banco esteja pensando em elevar o montante a ser leiloado nos próximos leilões, porque indiretamente a conversão já vem se processando numa base de US\$ 400 milhões por mês. O banco tem de manter o equilíbrio dessas operações, para evitar uma explosão da base monetária, que levaria a inflação para níveis incontroláveis.

Finalmente, os dois presidentes das bolsas do Rio e de São Paulo manifestaram-se preocupados com os resultados da discussão sobre a questão da empresa nacional e estrangeira, na área política. Embora a atenção dos credores pela conversão seja crescente, "estamos correndo o risco de um arrefecimento desses interesses, pelo menos momentaneamente, até que esses assuntos fiquem devidamente decididos pela Constituinte", afirmou o presidente da Bovespa, Eduardo da Rocha Azevedo.